**Algumas idéias da exortação apostólica “Evangelii gaudium”**

**(A alegria do evangelho):**

A exortação apostólica publicada pelo papa Francisco em 24 de novembro de 2013, tem como título “Evangelii Gaudium”; mas, do que de fato ela trata e porque ela se faz tão importante para nós?

Antes é preciso entender o que é uma “exortação apostólica”: a exortação apostólica é um modo de o papa se comunicar com todos os fiéis católicos. É um modo menos solene (mas não menos importante) que um “encíclica”. Na encíclica, que tem sempre um caráter social, exortatório ou disciplinar, o papa se dirige aos bispos e, por meio deles, a todos os fiéis; na exortação apostólica o papa transmite um ensinamento a respeito de um assunto específico com o objetivo de animar os fiéis na vivência do mesmo. A Evangelii Gaudium foi lançada no encerramento do ano da fé e traz a temática desenvolvida pelos bispos no sínodo em 2012 que discutiu “A evangelização para a transmissão da fé”, um tema que nos preocupa a todos, pois fica cada vez mais evidente, no nosso mundo secularizado e “desencantado”, a dificuldade de transmitirmos a fé aos nossos descendentes, jovens e crianças.

Podemos dizer que o **tema central** da exortação é **EVANGELIZAR COM ALEGRIA E CRIATIVIDADE**, ela é um texto programático, ou seja, uma proposta do papa e da Igreja para os próximos anos, um texto que deve ser aplicado por todos e em todos os âmbitos.

Francisco chama-nos a sermos uma Igreja “EM SAÍDA”: uma Igreja que saia para levar às pessoas o anúncio cristão. A tarefa, adverte, requer criatividade, a fim de encontrar modos de chegar a todos, e para isso é mais importante o espírito interior que a programação.

A exortação está cheia de expressões características do papa Francisco e apresenta temas que ele abordou em ocasiões anteriores.

É um documento grande, que exige atenta leitura. O papa sublinha as denúncias contra os atuais mecanismos econômicos e financeiros, critica o relativismo, o apego à ortodoxia que não serve para abrir portas aos que poderiam responder ao anúncio da misericórdia divina, entre outras coisas; mas antes de tudo **expressa sua preocupação maior: a exigência de renovar a missão evangelizadora da Igreja no contexto contemporâneo.**

Escreve: "Toda a experiência autêntica de verdade e de beleza procura por si mesma a sua expressão, e qualquer pessoa que viva uma liberdade profunda adquire maior sensibilidade perante as necessidades dos outros" (n. 9); e ainda: “O anúncio cristão é uma mensagem de alegria, levada pelos que já a experimentaram; por isso “um evangelizador não deveria ter permanentemente cara de funeral (n. 10)”.

Para Francisco a alegria do Evangelho não ignora a dor, nem o mal, nem as dificuldades, mas renasce sempre porque está fundada na inefável bondade de Deus, isso deve nos levar a combater com fortaleza de espírito a "tristeza individualista que brota do coração egoísta e avarento, na procura doentia por prazeres superficiais" (n. 2), algo tão próprio dos nossos dias. O papa diz ainda que a Igreja aprendeu do seu Mestre, e não deve esquecer nunca, por nenhum segundo, que **a felicidade está em abandonar o egoísmo e servir aos outros**. Essas são as duas chaves fundamentais da exortação: experimentar a alegria e sair a oferecê-la. Os cristãos têm o dever de “anunciar o [Evangelho] sem excluir ninguém, não como quem impões uma nova obrigação, mas sim como quem partilha uma alegria" (n. 14).

O papa diz que a prioridade da Igreja não pode ser governar o que tem como se a fé pudesse conservar-se sem a comunicação da mesma; chama-nos a "sair da própria comodidade e atrever-se a chegar a todas as periferias que necessitam a luz do Evangelho" (n. 20). Ainda: "Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a língua e toda a estrutura eclesial se converta num caminho adequado para a evangelização do mundo atual mais que para a auto preservação" (n. 27); para isso, o papa diz que há que aceitar a limitação humana e, sem rebaixar o Evangelho, ajudar a abraçar pouco a pouco todas as exigências, "acompanhar com misericórdia e paciência as etapas possíveis de crescimento das pessoas" (n. 44).

Daí também que não devam negar-se os sacramentos, especialmente o Batismo, "por uma razão qualquer"; e a Eucaristia "não é um prêmio para os perfeitos, mas sim um generoso remédio e um alimento para os débeis" (n. 47).

Enfim, a proposta do papa Francisco é “comunicar melhor a verdade do Evangelho num determinado contexto, sem renunciar à verdade, ao bem e à luz que pode trazer quando a perfeição não é possível" (n. 45). "Mais que o temor a enganarmo-nos, espero que nos mova o temor a encerrarmo-nos em estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos tornam juízes implacáveis, em costumes onde nos sentimos tranquilos, enquanto fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cansar-se: ‘Dai-lhes vós mesmos de comer!’ "(n. 49).

O papa dedica-se também a um exame da situação contemporânea: fixa-se primeiro na pobreza e na exclusão, precisamente numa época que alcançou um alto nível de bem-estar para muitos. Pede que se exerça uma direção ética da economia, pois não admite que o mercado livre seja uma máquina que funciona sozinha. Ao contrário, "a crise mundial que afeta as finanças e a economia põe a claro os seus desequilíbrios e, sobretudo, a grave carência da sua orientação antropológica que reduz o ser humano a uma só das suas necessidades: "o consumo" (n. 55). Revê ainda outros obstáculos à evangelização: ataques à liberdade religiosa em alguns lugares, a indiferença relativista noutros (n. 61); a secularização que "tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito do privado e do íntimo" (n. 64). Estende-se um pouco mais sobre a crise da família, adverte que "o matrimônio tende a ser visto como uma mera forma de gratificação afetiva que pode constituir-se de qualquer maneira e mudar de acordo com a sensibilidade de cada um" (n. 66). Assinala condições favoráveis, como o prestígio da Igreja em muitos países, incluindo alguns onde os católicos são minoria, a essência cristã das nações ocidentais ou a piedade popular que está viva em diferentes povos.

O papa alerta ainda que a situação atual pode levar os evangelizadores, a fazer-se "pessimistas queixosos e desencantados com cara de vinagre" (n. 85). Ou podem cair na "mundaneidade espiritual" (nn. 93-97): a vida centrada em interesses terrenos e particulares sob a aparência de religiosidade.

Também chama a atenção para a divisão e a incompreensão mútua entre os fiéis, que pode se tornar uma grande ameaça à evangelização. Refere-se aos diferentes agentes evangelizadores: com respeito aos sacerdotes e pessoas consagradas, anota que a escassez de vocações deve-se à "ausência nas comunidades de um fervor apostólico contagioso, que não entusiasma nem atrai". Por isso não servem os remédios fáceis; é preciso mais, "hoje é mais clara a consciência da necessidade de uma melhor seleção dos candidatos ao sacerdócio" (n.107).

Ao falar dos leigos, recorda que os leigos têm a responsabilidade de evangelizar, primeiramente no seu meio. "Se se nota uma maior participação de muitos nos ministérios laicais, este compromisso não se nota na penetração dos valores cristãos no mundo social, político e econômico, se limita muitas vezes a tarefas intraeclesiais sem um compromisso real pela aplicação do Evangelho à transformação da sociedade" (n. 102).

O Papa dá atenção ao papel feminino na Igreja: quer que muitas mulheres colaborem com os sacerdotes, se dediquem à teologia, etc.; mas assinala, com palavras do Compêndio da Doutrina Social da Igreja, que "o gênio feminino é necessário em todas as expressões da vida social" (n. 103).

Enfim, o papa pede uma Igreja capaz de libertar-se das velhas estruturas, aberta tanto institucional, física e humanamente à moção do Espírito que sopra onde quer e que testemunha o Evangelho em meio aos povos e culturas e seus desafios; insiste em um processo de evangelização que resgate a dimensão kerygmática e mistagógica e que acompanhe pacientemente com novas linguagens e símbolos, fundamentada sobre a Palavra de Deus e que toque as questões sociais, promovendo integralmente o ser humano. O Evangelho deve provocar os cristãos a agirem no mundo, incluírem os pobres, os fragilizados e os indefesos das violações contra a vida humana e pede para que se lute pela paz social e se construa um diálogo interdisciplinar entre fé, razão e ciência e ecumenismo. Paraa o papa é urgente evangelizar com um Espírito que se abra sem ‘medo à ação do Espírito’ (EG 259).

Na verdade, em uma palavra, podemos dizer: o Papa resgata as grandes linhas do Concílio Vaticano II e os desafios contemporâneos e convida a Igreja ser samaritana: olhar os caídos pelas estradas do nosso cotidiano na sociedade.

**PARA PENSAR:**

1) COM QUE ALEGRIA, COM QUE ESFORÇO E COM QUE GENEROSIDADE, TEMOS FEITO NOSSO TRABALHO DE EVANGELIZAÇÃO?

2) TEMOS PRIMADO POR UMA VERDADEIRA ACOLHIDA DE QUEM SE APROXIMA DE NOSSAS COMUNIDADES, NOSSAS PASTORAIS?